

A relevância profissional da formação de professores e enfermeiros no ensino superior: uma análise a partir das identidades dos formadores

Margarida Marta, Amélia Lopes, Fátima Pereira & Madalena Leite

Resumo

A relação estabelecida entre os lugares da formação e os lugares da ação profissional é um dos analisadores centrais da formação de profissionais no ensino superior. Com base numa conceção da identidade e da sua construção como constructo ecológico, este artigo focaliza essa relação com o objetivo de identificar o que une e o que distingue os formadores do campo da formação e do campo da ação profissional, e como cada campo profissional influi nessas relações. O estudo foi realizado com formadores de um curso de enfermagem e de um curso de formação de professores e os dados foram recolhidos através do Inventário de Identidade Psicossocial e posterior entrevista. Os resultados indicam que todos os formadores se assemelham quanto à importância dada ao perfil do profissional para se pensarem como formadores e a características pessoais e profissionais que valorizam nos formadores. Os formadores do campo da formação e do campo da prática diferenciam-se em aspetos relacionados com o espaço da ocupação principal. Os formadores de cada um dos campos profissionais estudados divergem em aspetos associados à área de saber a que se reportam.

Palavras-chave:

formadores de professores; formadores de enfermeiros; identidades profissionais; contextos de trabalho; formação profissional no ensino superior

The professional relevance of initial education of teachers and nurses in higher education

Abstract: The relationship between higher education institutions and workplaces is a capstone to analyse professional higher education. Considering identity and identity construction as an ecological construct, this paper focuses on that relationship aiming to identify what is common and different between educators in training institutions and workplaces and how the respective professional field impact on those relationships.

The research study was conducted with educators in a nurse education course and in a teacher education course, and data were gathered through the Inventory of psychosocial identity followed by a semi structured interview. Findings indicate that teacher and nurse educators are similar in which concerns the educators' personal and professional features they emphasize and the way they valued the profile of the future professional to define themselves as educators

The perspectives of the educators in the field of training and those in the professional fields vary according to the place of their principal occupation. Nurse and teacher educators diverge in aspects related with the area of knowledge they belong to.

Keywords: teacher educator; nurse educator; professional identity; workplaces; professional higher education

La pertinence de la formation professionnelle des enseignants et des infirmiers dans l'enseignement supérieur: une analyse des identités des formateurs

Résumé: La relation établie entre les lieux de formation et lieux d'action professionnelle est un analyseur fondamental en ce qui concerne la formation professionnelle dans l'enseignement supérieur. Basée sur une conception écologique de l'identité et de sa construction cet article se concentre sur ces relations dans le but d'identifier ce qui unit et distingue les uns et les autres et comment chaque champ professionnel affecte ces relations.

La recherche a été réalisée avec des formateurs d'un cours de formation d'infirmiers et d'un cours de formation des enseignants et les données ont été recueillies avec un inventaire d'identité psychosociale et un entretien ultérieur.

Les résultats indiquent que tous les formateurs se ressemblent en ce qui concerne l'importance qu'ils accordent au profil du futur professionnel pour se penser en tant que formateurs et en ce qui concerne les caractéristiques personnelles et professionnelles qu'ils valorisent pour se définir comme formateurs. Les formateurs dans le champ de la formation et dans le champ professionnel différent dans les aspects liés à l'espace de leur occupation principale. Les formateurs de chacun des champs professionnels étudiés différent dans les aspects liés au domaine de connaissance auquel ils se rapportent.

Mots-clés: formateur d'enseignant; formateur d'infirmiers; identité professionnelle; contextes de travail; formation professionnelle dans l'enseignement supérieur

La relevancia profesional de la formación de profesores y enfermeros en la enseñanza superior: un análisis a partir de las identidades de los formadores

Resumen: La relación establecida entre los lugares de la formación y los lugares de la acción profesional es uno de los analizadores centrales de la formación de profesionales en la enseñanza superior. Con base en una concepción de la identidad y de su construcción como constructo ecológico, este artículo focaliza esas relaciones con el objetivo de identificar lo que une y lo que distingue los formadores del campo de la formación y del campo de la acción profesional, y como cada campo profesional influye en esas relaciones. El estudio fue realizado con formadores de un curso de enfermería y de un curso de formación de profesores y los datos fueron recogidos a través del Inventario de Identidad Psicosocial y posterior entrevista. Los resultados indican que todos los formadores se asemejan cuanto a la importancia dada al perfil del profesional para que se piensen como formadores y a las características personales y profesionales que valoran en los formadores.

Los formadores del campo de la formación y del campo de la práctica se diferencian en aspectos relacionados con el espacio de su ocupación principal. Los formadores de cada uno de los campos profesionales estudiados divergen en aspectos asociados al área de saber la que se reportan.

Palabras clave: formadores de profesores; formadores de enfermeros; identidades profesionales; contextos de trabajo; formación profesional en la enseñanza superior

Introdução

A expressão “formação em campos profissionais” (Boyd, 2010) é utilizada a propósito da formação em ocupações de grande componente prática ou tecnológica, e/ou em que as práticas dependem, mais que noutros casos, simultaneamente de aspetos cognitivos, técnicos éticos e emocionais, como são os casos do ensino e da enfermagem. São ocupações fortemente marcadas pela divisão social, cognitiva e sexual do trabalho, tradicionalmente consideradas semiprofissões, aspeto a que se associava o facto de a formação dos respetivos profissionais se realizar fora do ensino superior.

Durante as últimas décadas do séc. XX, estas ocupações sofreram um forte processo de profissionalização, que implicou, entre outros, a integração da formação em instituições do ensino superior, assim como a progressiva elevação do nível académico da certificação correspondente. Vista como uma vantagem para a qualidade dos serviços a prestar e para a elevação do estatuto objetivo dos profissionais (Lopes, Pereira, Ferreira, Silva e Sá, 2007), a integração da formação destes profissionais no ensino superior transporta em si alguns riscos associados à academização da formação (Lopes et al., 2007) ou seja, ao aumento da distância entre a formação e a profissionalização dos profissionais, dadas as culturas tradicionais do ensino superior.

No entanto, as mudanças que hoje estão a ocorrer no ensino superior, ao nível quer da importância dada à pedagogia na formação, quer ao nível da maior relevância social dos saberes, são, para a formação em campos profissionais, uma oportunidade de fortalecer simultaneamente o nível científico e o nível profissional da formação. A esse propósito, o contributo da componente teórica e da componente prática da formação é uma questão central a elaborar e a ser traduzida de forma adequada nos *curricula*. Com efeito, na maior parte dos casos, e nomeadamente na formação para o ensino e a enfermagem, é cada vez mais reconhecida a importância de se iniciarem cedo os contactos com o mundo do trabalho e de as duas componentes se informarem mutuamente (Varandas e Lopes, 2012; Lima, 2010; Korthagen, 2010).

Das abordagens às relações estabelecidas entre o campo da formação e o campo do trabalho, a que focaliza as identidades dos formadores possui potencialidades especiais, pois são eles que interpretam discursos, prescrições, injunções e desejos e os traduzem em ações e práticas (Andrew e Robb, 2011; Boyd, 2010). Estudos realizados sobre a identidade dos formadores de professores (Dotta, 2011) e a identidade dos formadores de enfermeiros (Pinho, 2010) indicam que as identidades formadoras são marcadas pelos contextos de inserção em função dos quais se estruturam, organizam e justificam.

Este artigo pretendeu identificar o que une e o que distingue os formadores do campo da formação e do campo da ação profissional, e como cada campo profissional influi nessas relações. Os dados foram recolhidos junto de formadores de uma Escola Superior de Saúde e de uma Escola Superior de Educação, ambas inseridas em Institutos Politécnicos, através do Inventário de Identidade Psicossocial de Zavalloni (1984).

1. Quadro teórico-concetual

A abordagem à identidade dos formadores em campos profissionais é informada por uma conceção da "construção da identidade profissional como constructo ecológico" (Lopes, 2009) em que convergem três perspetivas: a da construção da identidade profissional como dupla transação (Dubar (1997)); a da ecologia do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979) e a da psicologia societal (Doise, 2002).

A perspetiva da construção da identidade profissional como dupla transação situa-se nas teorias da construção social da realidade que informam o caráter transacional dos processos de construção da identidade. A transação é dupla porque inclui a transação relacional – dos indivíduos com os seus contextos – e a transação biográfica que se processa no indivíduo e põe em jogo o que ele foi, é e quer ser. A busca de identidade alimenta-se da procura de reconhecimento onde, no caso das identidades profissionais, os saberes profissionais têm um lugar central. Entre as duas transações pode haver encontros e desencontros, que despoletam processos de negociação, adaptação ou submissão.

A perspetiva ecológica acentua o caráter histórico, situado e sistémico da transação relacional. A ecologia do desenvolvimento humano fornece-lhe a estrutura e a dinâmica e a psicologia societal os conteúdos. Na primeira considera-se que o indivíduo é ativo na construção dos seus cenários de desenvolvimento, os quais são constituídos por diferentes subsistemas em interação - o micro, o meso, o exo e o macro. A psicologia societal dá conteúdo psicossocial a estas interações e traduz cada um dos seus níveis em níveis do sistema social. Abordar as atividades profissionais do ponto de vista psicossocial, como diz Blin (1997, p. 58)

é sobretudo considerar o profissional como um ser socialmente inserido (e) depois esforçar-se por construir sistemas de explicação articulando o individual e o social. É também propor respostas à questão recorrente da passagem entre o micro e o macro social pela tomada em conta das dimensões cognitivas, interacionais e institucionais.

Para o mesmo autor, o sistema de relações complexas entre os indivíduos, os grupos e as instituições "é determinado não só por variáveis intra e inter-pessoais, mas também por um campo social que lhe imprime uma forma própria

e dá lugar a condutas caracterizadas sobre o plano sociocultural” (Blin, 1997, p. 56). Deste ponto de vista o contexto da transação relacional na construção de identidades profissionais reporta-se aos níveis individual, interindividual, institucional e societal.

Na perspetiva ego-ecológica de Marisa Zavalloni (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984), o conceito de identidade psicossocial ancora-se na teoria das representações sociais e pretende dar conta do substrato cognitivo e afectivo que subjaz à constituição do sentido. As representações sociais são representações individuais partilhadas por grupos e funcionam como formas de interpretação da realidade, regulando as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social.

A identidade psicossocial de uma pessoa é um objeto privilegiado da construção da realidade por grupos e indivíduos, exprime “a interação entre componentes pessoais e sociais da identidade” (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984, p.17) e corresponde às modalidades de organização num indivíduo - modalidades de identificação, diferenciação e dissociação - das representações de si e dos grupos aos quais pertence.

A identidade dos formadores em campos profissionais será, assim, entendida como resultante da dupla transação identitária num contexto ecológico, tal como definido, e apreensível a partir das representações que o formador tem de si, dos outros e da sociedade.

2. Metodologia

O inventário de identidade psicossocial (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984) inclui o preenchimento do inventário propriamente dito e a realização de uma entrevista de explicitação, segundo o Método da Contextualização Representacional (MCR).

O MCR é um método ideográfico e compreensivo que pretende atingir o conteúdo e a dinâmica da identidade psicossocial através da recodificação das representações que os indivíduos têm dos seus grupos de pertença, as quais se consideram intimamente ligadas às representações de si. Numa primeira fase os grupos de pertença relevantes - a ecologia social de um indivíduo - são o ponto de partida, ativando memórias e sentimentos que se traduzem em caracterizações dos grupos. Estas são depois usadas para sugerir e convocar imagens, experiências e referentes particulares que as sustentam, por um lado, e para explicitar significados e afetos, por outro.

O inventário é adaptável em função dos grupos pertinentes à ecologia social que se pretende estudar. Para esta investigação foi utilizada uma versão adaptada do inventário a partir de outras adaptações já realizadas (Marta e Lopes, 2008). Os grupos de pertença considerados foram a “ocupação principal”, ser “formador”, “género” e “idade”.

Em cada campo, os respondentes são confrontados com a necessidade de definirem a sua pertença – por exemplo, no grupo ocupacional, “a minha ocupação principal é” – e de qualificarem diferentes subgrupos nesse mesmo campo, completando frases (por exemplo, para o caso de formadores de professores, “Nós, os formadores de professores, somos...” e “Eles, os formadores de professores são...”. Cada um dos termos - por exemplo “os formadores de professores são cultos” - é depois qualificado pelos sujeitos como positivo ou negativo, e aplicável a si próprio ou não.

Ao preenchimento do inventário segue-se uma entrevista em que se exploram os referentes dos respondentes quando usam uma determinada qualificação (“em quem ou em quê estava a pensar quando afirmou X?”), os significados dados aos termos usados (“culto”, por exemplo) e as imagens sugeridas pelos campos de pertença social (“quando pensa nos formadores de enfermeiros, que imagem lhe vem ao espírito?”).

Os dados que a seguir se apresentam e discutem referem-se a 14 formadores de professores e a 8 formadores de enfermagem com ocupação principal no campo da formação (identificados por “docentes”); e a 5 formadores de professores e 8 formadores de enfermagem com ocupação principal no campo profissional identificados por “tutores”. Dos 14 docentes em formação de professores, 7 foram professores do ensino básico e secundário; dos 8 docentes de enfermagem, 6 foram enfermeiros/as.

3. Análise e apresentação de resultados

A apresentação de resultados segue os três eixos de análise inerentes ao MCR: a identidade objetiva – como se identificam os formadores como profissionais e como se caracterizam, a partir de todas as respostas verbais ao inventário, tal como nele se apresentam; identidade social subjetiva – resultante da análise dos discursos decorrentes das entrevistas no que diz respeito às imagens e significados inerentes às diversas respostas ao inventário; e o espaço da identidade, ou seja, a distribuição das características atribuídas aos grupos de pertença por quatro quadrantes: o pólo positivo de si (características positivas atribuídas a si), o pólo negativo de si (características negativas atribuídas a si), o pólo negativo do outro (características negativas atribuídas ao outro); e o pólo positivo do outro (características positivas atribuídas ao outro).

Em cada caso, esteve em causa a apreensão de semelhanças e diferenças intragrupo e intergrupos – docentes de enfermagem; tutores de enfermagem; docentes na formação de professores; e tutores na formação de professores.

3. 1. Identidade social objetiva

Os docentes da formação de professores, ao definirem a sua “ocupação” identificam-se e caracterizam-se como “docentes”, “professores” e “animadores”. Já no campo semântico “ser formador de...”, os docentes identificam-se como “formadores de professores” ou como “docentes do ensino superior”. Se todos os formadores são formadores de professores e docentes do ensino superior, a opção por uma identificação ou outra pode indiciar diferentes posicionamentos identitários.

Os tutores da formação de professores, no campo da “ocupação”, definem-se como “professores” e “docentes”. Já no campo “formadores de ...” definem-se como “professores”, mas também como “formadores de professores”, salientando, neste caso, o seu papel na formação de professores.

Os docentes de enfermagem no campo “ocupação” definem-se como: “professores do ensino superior”, “docentes”, “professores” “professor adjunto” e “médicos”. Estas respostas espelham a panóplia de formadores docentes no campo da enfermagem, mas também a identificação da ocupação à carreira, à docência e à docência no ensino superior. Aparentemente, os docentes em enfermagem veem a sua ocupação de formadores como sendo efetivamente outra ocupação. Já no campo “ser formador de”, os docentes de enfermagem identificam-se como “formadores de enfermeiros”, “professor de enfermagem”, “enfermeiros” e “docentes”. Ou seja, agora a definição é feita tendo por referente central a sua função de formadores. A presença do termo “enfermeiros” pode dever-se ao facto de os docentes de enfermagem ex enfermeiros continuarem a definir-se como enfermeiros (alguns deles com atividades de voluntariado nesse âmbito).

Os tutores de enfermagem, no campo da “ocupação”, identificam-se como “enfermeiros”, o que corresponde à sua ocupação principal efetiva. Já no campo “ser formador de...” os tutores identificam-se como “enfermeiros formadores”, “profissionais hospitalares”, “enfermeiros professores” e “formadores”, salientando a sua função como formadores, mas também o seu lugar específico na formação.

3. 2. A identidade social subjetiva

Este nível de análise permite aceder ao modo como os formadores – no ensino e na enfermagem – concebem a formação do futuro profissional e às suas preocupações e posições em relação ao campo da prática na formação.

3.2.1. Preocupações e posições no campo da formação e no campo da prática

Neste âmbito, na enfermagem, são sobretudo os docentes que tomam posição, e no ensino são sobretudo os tutores que se manifestam.

Os tutores no ensino posicionam-se como parceiros dos estudantes (com quem também dizem aprender), salientando as suas boas relações, o trabalho em proximidade com os futuros professores e a partilha de experiências e saberes. Referem-se também ao trabalho colaborativo entre as escolas (lugares de estágio) e a instituição formadora.

Os docentes de enfermagem enfatizam a necessidade (que tiveram ou têm) de aprender a ser formadores (o que não se revela nos formadores de professores) e salientam o facto de a formação de enfermeiros ter que ser sustentada pela prática e a importância que é dada à escolha do tutor.

3.2.2. Conceções sobre a formação do futuro profissional

No Quadro nº 1 apresenta-se uma súmula das imagens que os formadores apresentam sobre si como formadores de um profissional.

Quadro nº 1 – Imagens dos formadores sobre si na formação de futuros profissionais

TIPO DE FORMADOR	DEFINIÇÕES SOBRE SI NA FORMAÇÃO	
	ENSINO	ENFERMAGEM
Docentes	<ul style="list-style-type: none"> - Sentir uma grande responsabilidade -Ter em conta as necessidades dos formandos e dos contextos - Formar nos conteúdos científicos e no saber ser -Formar para aprender ao longo da vida dadas as mudanças sociais e do conhecimento - Formar em proximidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentir uma grande responsabilidade -Apetrechar os alunos de ferramentas para utilizarem - Formar nos conhecimentos científicos e valores como fundamento ético da profissão - Formar para a relação humana (do cuidar) - Formar para o trabalho em equipa - Formar em proximidade
Tutores	<ul style="list-style-type: none"> - Sentir uma grande responsabilidade -Acompanhar os estudantes numa relação de proximidade para a sua progressiva autonomia -Aprender com os estudantes numa relação de parceria quase simétrica - Formar em proximidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentir uma grande responsabilidade -Garantir o conhecimento prático dos formandos, sendo enfermeiros com perfil de formadores - Formar e aprender com os estudantes numa relação assimétrica mas aberta - Formar em proximidade

É em função do perfil do profissional a formar – por que se sentem profundamente e igualmente responsáveis - que os formadores se definem a si e definem a formação, o que é de relevar tratando-se aqui de identificar aspetos que especificam a identidade dos formadores em campos profissionais. O profissional a formar, as perspetivas sobre a sua ação e o impacto desta nas pessoas (utentes dos serviços de saúde ou crianças e jovens nas escolas e suas famílias), informa o projeto de formação destes formadores, assim como o desenvolvimento, em geral, de relações de proximidade com os estudantes.

Os docentes na formação de professores partem desse perfil para insistirem em como é importante basear a formação nas necessidades dos formandos que são as necessidades das escolas. Da sua perspetiva sobre essas necessidades retiram ilações para elegerem prioridades formativas que se situam no domínio dos conteúdos do saber científico e no domínio do saber ser, vistos como nucleares à ação profissional do professor. Para estes docentes, a construção de uma atitude de formação ao longo da vida alimenta toda a dinâmica formativa numa profissão necessariamente aberta ao mundo e à sua evolução.

Os tutores em formação de professores definem de novo a formação que realizam como trabalho de parceria e próximo, em que também se formam, tendo por fim a autonomia do formando.

Os docentes de enfermagem colocam a tónica nos conhecimentos científicos e na formação ética dos estudantes. Tendo por pano de fundo a aquisição de técnicas básicas de enfermagem por parte do estudante em formação, salientam, no entanto, a relação humana do cuidar como nuclear à ação profissional em enfermagem e a importância do trabalho em equipa.

Os tutores de enfermagem assumem-se como os construtores do conhecimento profissional através dos saberes práticos, enquanto conhecedores competentes dos contextos clínicos, e sentem orgulho nesse papel que não tem qualquer contrapartida material. Para eles, o trabalho direto com o utente é central. Apesar de assumirem uma posição claramente assimétrica na relação com os estudantes, admitem, também, aprender com eles.

3. 3. O espaço da identidade dos formadores

O espaço da identidade tal como concebido no método da contextualização representacional permite aceder às relações dos formadores consigo próprios – o que de si consideram bom e mau – e às relações de si com os outros – o que do outro consideram bom e mau. Em geral, os dados permitem-nos identificar qualidades e dificuldades, ou fatores inibidores, da profissionalidade dos formadores.

Na Figura 1 apresentam-se de forma organizada as qualidades e os fatores inibidores apresentados pelos formadores nos dois campos em análise.

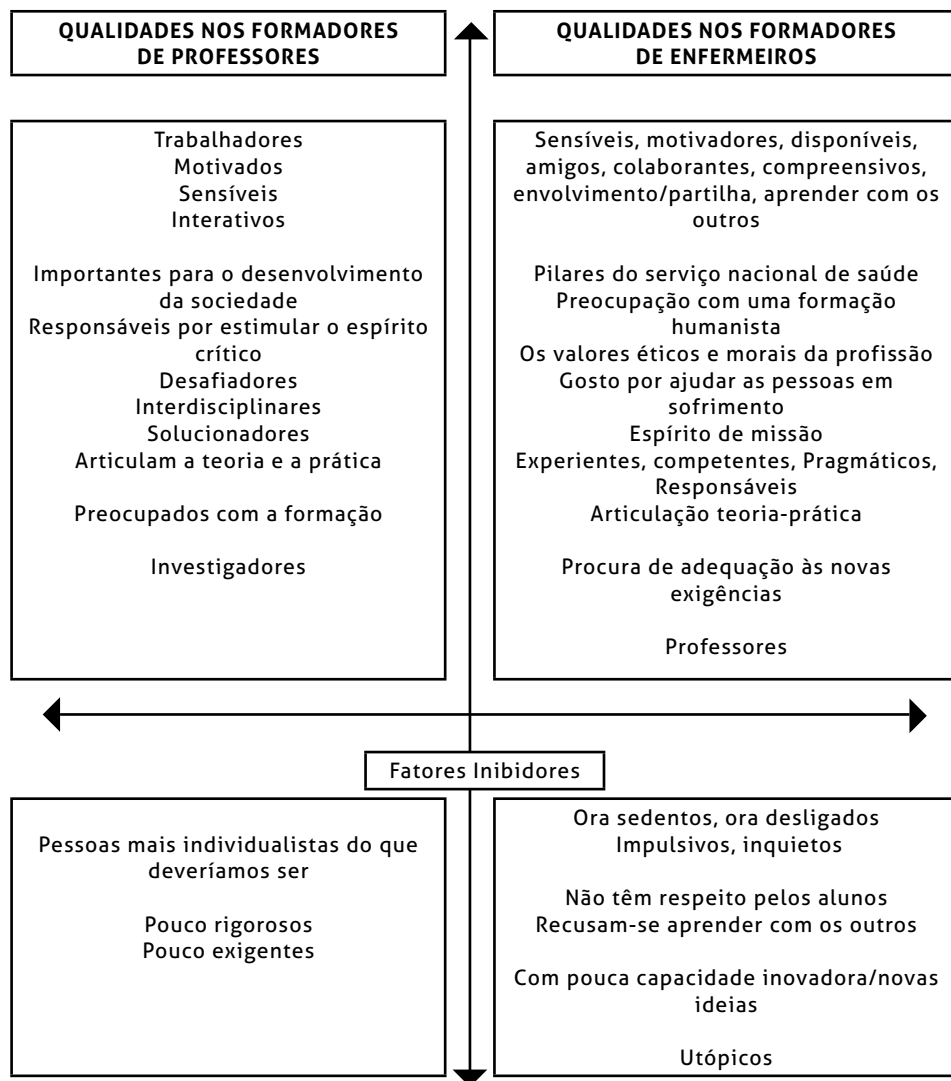


Figura 1 – Qualidades e fatores inibidores da ação profissional dos formadores

Curioso é constatar desde logo que é possível organizar de forma comparada as características apresentadas. Num primeiro campo, surgem características que, sendo profissionais, se associam às características das pessoas em si ou

têm implicações no comportamento individual. A sensibilidade e a motivação são características comuns aos dois campos. As restantes características, nos dois casos, associam-se ao caráter relacional da atividade de formação e ao empenhamento que ela exige, mas tomando na enfermagem um aspeto mais intimista e humanamente exigente - centrado na amizade, na abertura, na disponibilidade e na compreensão. Aparentemente, para se ser enfermeiro, mais que para se ser professor, é necessário "ser uma boa pessoa", como dizia uma formadora de enfermeiros.

Num segundo campo, destacam-se as qualidades mais diretamente ligadas às atividades de formação. A responsabilidade e a articulação da teoria e da prática aparecem nos dois casos. Os formadores parecem valorizar também qualidades ligadas à solução de problemas práticos: uns dizem-se "solucionadores" e os outros dizem-se "pragmáticos". Depois, aparentemente, os formadores de professores têm por referente diretamente a sua atividade de formação e os formadores de enfermeiros as práticas de enfermagem. Com efeito, na enfermagem destacam-se características que sublinham, por um lado, a importância da experiência e da competência (tendo claramente por referente a prática de cuidados) e, por outro, a exigência da relação do cuidar, que constitui o "assunto" central da formação de enfermeiros – a formação humanista, os valores éticos, a ajuda no sofrimento, o espírito de missão. Os formadores de professores, incidindo na sua atividade de formadores, destacam a formação do espírito crítico e a preocupação com a interdisciplinaridade.

A relação mais geral da formação de profissionais com a sociedade está também presente nos dois casos: os professores são importantes para a sociedade e os enfermeiros são os pilares do serviço nacional de saúde. Também nos dois casos as mudanças que estão a acontecer na formação, decorrentes dos atuais desafios lançados ao ensino superior, estão presentes: os formadores de professores estão preocupados com a formação e os formadores de enfermeiros procuram responder às novas exigências. Finalmente, fazendo entrever especificidades da profissionalidade dos formadores de um e outro campo como docentes do ensino superior, os docentes em formação de professores definem-se como investigadores e os docentes de enfermeiros definem-se como professores.

As características pessoais que se constituem em fatores inibidores são, no caso da enfermagem, a instabilidade e o encerramento ao outro, e, no caso do ensino, o individualismo. No que diz respeito às posturas gerais que adotam em relação à formação, o mais negativo, para os formadores de professores, prende-se com a falta de rigor e exigência e, para os formadores de enfermeiros, com um excesso de utopia ou com a falta de capacidade inovadora.

4. Discussão

Este artigo pretendeu identificar o que une e o que distingue os formadores do campo da formação e do campo da ação profissional, e como cada campo profissional influi nessas relações.

Esta discussão organiza-se em função deste objetivo, debruçando-se, progressivamente, sobre os aspetos em que todos os formadores se assemelham, sobre as diferenças entre os docentes e os tutores, sobre as diferenças entre os formadores de enfermagem e os formadores de professores, e, depois, de novo, sobre as diferenças entre os docentes e os tutores mas em função dos campos profissionais a que pertencem.

Os formadores em campos profissionais

Os resultados do estudo expõem que a formação em si é um ponto de encontro dos formadores em campos profissionais. Com efeito, todos os formadores (de enfermeiros ou de professores, tutores ou docentes) se sentem comprometidos com a formação e se preocupam com o desenvolvimento pessoal do estudante que se associa à construção do seu saber profissional. Convergindo com estudos realizados noutros países (Boyd, 2010; Andrew e Robb, 2011; Lamote e Engels, 2010), o perfil do profissional a formar inspira as práticas formativas dos formadores, que se sentem profundamente responsáveis pela qualidade dos futuros profissionais, dado o impacto social e humano da ação que estes irão desenvolver. Este estudo, entretanto, explicita que os formadores se unem também no que diz respeito à identificação e valorização de certas características pessoais dos formadores - a sensibilidade e a motivação - e a certas características específicas à atividade formativa que exercem - a responsabilidade, o pragmatismo e a preocupação com a articulação da teoria e da prática.

A força das inserções identitárias

No que respeita às diferenças entre os docentes e os tutores, nos dois campos profissionais, o espaço da ocupação principal - as instituições do ensino superior, para uns, e as instituições de ensino básico ou da saúde, para outros - surge como fonte de diferenciação, o que converge com o encontrado por Dotta (2011) nos formadores de professores e por Pinho (2010) nos formadores de enfermeiros. Com efeito, os lugares de onde os formadores olham e realizam a formação exercem uma influência forte na configuração das formas identitárias. Os formadores das instituições do ensino superior referem-se ao saber científico ou de conteúdo como algo que lhes pertence elaborar na formação (embora também se preocupem com a relevância da formação para a prática profissional), e os formadores em instituições de ensino ou saúde consideram-se os garantes do conhecimento

prático na formação dos futuros profissionais (embora alguns também se preocupem com a qualidade da formação científica dos futuros profissionais).

O caráter ecológico das identidades formadoras

O que diferencia os formadores no ensino e na enfermagem relaciona-se com a especificidade e o estatuto do saber nuclear a cada área, com a articulação da formação com os processos de profissionalização num campo profissional específico e com as carreiras dos formadores, nomeadamente no que concerne as formas do seu recrutamento.

O saber enfermeiro, como o saber docente, é um saber científico, um saber técnico e um saber relacional e humano. Mas o saber enfermeiro, para além de possuir uma dimensão técnica mais saliente (que lhe evidencia o caráter prático), é ele próprio centrado no humano (na vida humana); já o saber docente, embora se operacionalize pela relação humana, centra-se no próprio conhecimento mediado pela sociedade. A formação para a docência surge assim mais inespecífica que a formação para a enfermagem. Curiosamente, os formadores de professores são quase sempre formadores de diferentes tipos de professores e também de outros profissionais e nem sempre viveram como profissionais a profissão para que formam.

O contrário acontece na enfermagem onde, talvez por isso, a formação aparece mais ligada aos processos de profissionalização. Esta forte articulação, na enfermagem, entre os processo de formação e os processos de profissionalização explica que, pelo menos neste estudo e no caso português, os formadores de enfermeiros, mais que os formadores de professores, pareçam viver duas realidades (identidades) em simultâneo – a de enfermeiros e a de docentes do ensino superior, sendo esta última efetivamente uma nova atividade a requerer investimentos particulares e específicos, pois nenhuma transferência podem fazer da sua experiência anterior.

Os formadores em enfermagem estão também mais claramente comprometidos com a profissão para que formam, por razões ligadas à transação biográfica, mas também à transação relacional. No que diz respeito à transação biográfica os resultados deste estudo vão ao encontro de estudos realizados noutros países sobre a identidade dos docentes de enfermagem que concluem sobre o caráter dual das suas identidades, ou seja, sobre a convivência de dois papéis na mesma identidade: o de formadores e o de enfermeiros (Boyd e Lawley; 2009; Andrew e Robb, 2011). O presente estudo indica, entretanto, que esta dualidade não tem apenas origem na transação biográfica, mas também na transação relacional onde a credibilidade clínica se mantém fonte de reconhecimento da qualidade destes formadores – o que é visível também através da importância insubstituível que os tutores assumem e reconhecem ter na formação de futuros profissionais.

Mas a transação relacional, na sua definição ecológica, explica também o compromisso especial dos formadores em enfermagem com a profissão para que formam. Com efeito, a formação em enfermagem em Portugal nas últimas décadas tem estado fortemente ligada ao processo de profissionalização da enfermagem, o qual, entretanto, se associa a uma reivindicação de autonomia em relação ao poder médico ainda não completamente adquirida nos locais de trabalho (N. Lopes, 2001; Abreu, 2001).

Relações entre formadores marcadas pela especificidade do saber profissional

O caráter mais inefável do saber docente e o caráter mais concreto do saber enfermeiro parecem repercutir-se também nas relações entre o campo da formação e o campo das práticas, com tradução na relação entre os tutores e os formandos. No caso do ensino, o campo da formação é fonte de inovação para os contextos da prática e os tutores enfatizam essa relação formativa invertida em que aprendem inovações com os formandos. No caso da enfermagem, a inovação no campo da formação é uma reclamação (o que quer dizer que se tem a percepção de que não existe) e os tutores adotam uma posição mais assimétrica, expressiva da detenção mais clara, pela sua parte, de uma franja fundamental da formação em que são cruciais e insubstituíveis, e a partir da qual reivindicam inovações no campo da formação.

Conclusões

De entre as propostas heurísticas de trabalho que estes resultados e interpretações possam provocar, elegem-se as relativas a aspetos associados à especificidade da formação superior em campos profissionais, com a investigação e com o desenvolvimento profissional dos formadores.

Os relativos à formação dizem respeito aos aspetos comuns a todos os formadores, que se podem constituir no núcleo central da formação – o compromisso com a qualidade dos futuros profissionais. Este núcleo pode ser considerado não só fonte da qualidade (pelo menos) básica da formação, mas também um ponto forte, onde outras ações se poderão ancorar. Nos relativos à investigação, por relação com a revisão da literatura, destacam-se os aspetos que diferenciam os formadores e a formação nos dois campos profissionais em análise. Com efeito, embora existam estudos em que se identificam semelhanças entre os processos identitários dos formadores de enfermeiros e dos formadores de professores (por exemplo, Boyd, 2010), tal não se revela um fenómeno universal. Se no caso dos formadores de enfermeiros as conclusões deste estudo se demonstram bastante convergentes com a revisão da literatura, o mesmo não acontece no caso dos formadores de professores. Se os resultados no âmbito da enfermagem

nos devem levar a refletir nas razões subjacentes a essa aparente universalidade, no caso dos formadores de professores é necessário ter em conta a variável geográfica na sua relação com os sistemas educativos e as formas de recrutamento e inserção dos formadores. Como referem Hamilton e Clandinin (2011), a investigação sobre a identidade dos formadores de professores confronta-se com diversos desafios entre os quais se destaca a da variedade de países para países das condições de acesso ao papel de formador, associada aos sistemas de educação e de formação.

Os aspetos ligados ao desenvolvimento profissional dos formadores decorrem da constatação da importância das inserções profissionais na definição das identidades dos formadores docentes e tutores. Trata-se de uma diferença inevitável numa certa medida por lhe corresponderem diferentes profissionalidades. Com efeito, a questão não está em igualizar os dois campos mas em criar as relações sustentadas e estruturadas que potenciam a qualidade da formação. Para Andrew, Ferguson, Wilkie, Corcoran e Simpson (2009) a instauração de comunidades de prática na formação de enfermeiros permitiria juntar académicos e práticos numa cultura de aprendizagem comum e próxima da prática. Ben-Peretz, Kleeman, Reichenberg e Shimoni (2010), entre outros, numa ordem de ideias semelhante, destacam também a importância das comunidades de prática no desenvolvimento profissional dos formadores de professores.

Referências Bibliográficas

- Abreu, W. (2001). *Identidade, formação e trabalho: das culturas locais às estratégias identitárias dos enfermeiros*. Coimbra/Lisboa: Formasau/Educa.
- Andrew, N., Ferguson, D., Wilkie, G., Corcoran, T. & Simpson, L. (2009). Developing professional identity in nursing academics: The role of communities of practice. *Nurse Education Today* 29, 607- 611.
- Andrew, N. & Robb, Y. (2011). The duality of professional practice in nursing: Academics for the 21st century. *Nurse Education Today*.31(5), 429-433.
- Ben-Peretz, M., Kleeman, S., Reichenberg, R., & Shimoni, S. (2010). Educators of educators: their goals, perceptions and practices. *Professional Development in Education*, 36(1-2), 111-129.
- Blin, J. (1997). *Représentations, pratiques et identités professionnelles*. Paris: L'Harmattan.
- Boyd, P., & Lawley, L. (2009) Becoming a lecturer in nurse education: The work-place learning of clinical experts as newcomers. *Learning in Health and Social Care*, 8(4), 292-300.

- Boyd, P. (2010) Academic induction for professional educators: supporting the workplace learning of newly appointed lecturers in teacher and nurse education. *International Journal for Academic Development* 15 (2), 155-165.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Developments: Experiments by Nature and Design*. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press.
- Doise, W. (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (1), 027-035.
- Dotta, L. (2011). *Percursos identitários de formadores de professores: o papel do contexto institucional, das diferentes áreas do conhecimento e das disciplinas*. Brasil: Editora CRV Curitiba.
- Dubar, C. (1997). *A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Hamilton, M., & Clandinin, J. (2011). Unpacking our assumptions about teacher educators around the world. *Teaching & Teacher Education*, 27, 243-244.
- Korthagen, F. (2010). How teacher education can make a difference. *Journal of Education for Teaching*, 36, 4, 407- 423.
- Lamote, C., & Engels, N. (2010). The development of student teachers' professional identity. *European Journal of Teacher Education*, 33 (1), 3-18
- Lima, I. (2010). *Formação inicial: metodologias formativas baseadas em experiências de vida ao longo das quais se formam a identidade pessoal e a identidade profissional em enfermagem: um contributo para conhecer o corpo que somos*. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Lopes, A. (2009). Teachers as Professionals and Teachers' Identity Construction as an Ecological Construct: An agenda for research and training drawing upon a biographical research process. *European Educational Research Journal*, 8(3), 461-475.
- Lopes, A., Pereira, F., Ferreira, E., Silva, M. A. & Sá, M.J. (2007). *Fazer da Formação um Projecto – Formação Inicial e Identidades Profissionais Docentes*. Lisboa: Legis Editora.
- Lopes, N. (2001). *Recomposição profissional da enfermagem: estudo sociológico em contexto hospitalar*. Coimbra: Quarteto.
- Marta, M. e Lopes, A. (2008). Construção de Identidades Profissionais em Educação de Infância: comparação de percursos no setor público e no setor privado. In *Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Edição em CDrom. ISBN: 978-972-8952-08-2.
- Pinho, M. (2010). *Identidade e identidades dos formadores de enfermeiros, em contexto de formação inicial*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

- Varandas, M. L. & Lopes, A. (2012). Formação profissional contínua e qualidade dos cuidados de enfermagem: a necessidade de uma mudança de paradigma educativo. *Revista Lusófona da Educação*, 22, 141-158.
- Zavalloni, M. & Louis-Guerin, C. (1984). *Identité Sociale et Conscience – Introduction à L'égo-écologie*. Montréal: Les Presses de L'Université de Montréal.

Margarida Marta

Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Membro da equipa do Projeto Formação Inicial de Profissionais de Ajuda e Identidades dos Formadores (FIPAIF) e colaboradora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Endereço eletrónico: margarida-marta@clix.pt

Amélia Lopes

Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Vice Diretora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas, onde coordena a Área de Investigação Formação, Saberes e Contextos de Trabalho e de Educação. Email: amelia@fpce.up.pt

Fátima Pereira

Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico do Centro de Investigação e Intervenção Educativas e Vicecoordenadora do Serviço de Educação Contínua da FPCEUP. Email: fpereira@fpce.up.pt

Maria Madalena Januário Leite

Professora Titular da Universidade de São Paulo. Possui Graduação e Mestrado em Enfermagem, e Doutoramento em Educação pela Universidade de São Paulo. É membro do Corpo Editorial de revistas de grande impacto na área da Enfermagem. Email: marimada@usp.br

Correspondência:

Amélia Lopes
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Rua Alfredo Allen, 4200-135 PORTO/PORTUGAL

Data de submissão: Janeiro 2014

Data de avaliação: Abril 2014

Data de publicação: Setembro 2014